

Identidade Social: Construção, Influência e Autopercepção

Ideraldo Pires da Costa¹

Resumo: A identidade social é o sentimento de pertencimento de um indivíduo a determinados grupos ou categorias sociais, o que lhe confere um papel e uma função na vida em sociedade. Ela não é estática, mas sim um mosaico de influências e escolhas construído ao longo de toda a vida. Ela é a parte do autoconceito de um indivíduo derivada do pertencimento a grupos sociais (raça, gênero, profissão, nacionalidade), envolvendo um sentimento de pertença e valor emocional. Formada através da interação, categorização e comparação, ela define quem somos em relação ao "nós" (endogrupo) e "eles" (exogrupo), influenciando comportamentos, normas e a autoestima.

Palavras Chave: Pertencimento. Auto Conhecimento. Categorização Social

Abstract: Social identity is an individual's feeling of belonging to certain social groups or categories, which gives them a role and function in life in society. It is not static, but rather a mosaic of influences and choices built throughout life. It is the part of an individual's self-concept derived from belonging to social groups (race, gender, profession, nationality), involving a feeling of belonging and emotional value. Formed through interaction, categorization, and comparison, it defines who we are in relation to "us" (ingroup) and "them" (outgroup), influencing behaviors, norms, and self-esteem.

Keywords: Belonging. Self-Knowledge. Social Categorization

¹ Graduado em Ciências Contábeis, Auditor, Perito extrajudicial e judicial, especialista em Gestão, Logística e Auditoria Hospitalar. E-mail: ideraldopires@hotmail.com. Diretor Executivo do Hospital da Visão de Sinop. Associado ao Lions Clube Pontes e Lacerda / Distrito LB-4. Governador Distrital 2013-2014. Membro da Loja Maçônica Estudo e Fraternidade nº 31, Sinop-MT. Autor de diversos artigos e livros.

1. Introdução

Ela é essencial na formação da autoimagem e da autoestima da pessoa, e se reflete em decisões e comportamentos. O modo como a própria identidade social é percebida e avaliada, influencia a autoconfiança e a forma como a pessoa lida com a vida e se relaciona com os outros. Em muitos contextos, a identidade social é um importante motivo de orgulho; em outros, é uma fonte de discriminação e preconceito. A identidade social é uma construção contínua que se aprofunda e se torna mais complexa na idade adulta. O processo de formação da identidade é especialmente intenso na adolescência, quando as relações sociais se diversificam e novos grupos, como os amigos, tornam-se muito importantes. A percepção dos outros afeta a autoestima, em particular a percepção que os adolescentes têm das suas identidades sociais e, por conseguinte, da sua identidade individual.

Consciente da identidade social e da forma como é vista pelo grupo de pertença, a pessoa pode encontrar formas de a reforçar, de modo a aumentar a autoconfiança. Um dos principais desafios contemporâneos na formação da identidade social é o multiculturalismo. As sociedades atuais são cada vez mais plurais, e as pessoas são frequentemente confrontadas com identidades sociais de outros grupos. O multiculturalismo pode igualmente ser um desafio quando as diferenças culturais não são valorizadas, aceites ou integradas. O multiculturalismo, a inclusão e a crescente diversidade cultural tornam a resistência às identidades sociais rótulo uma preocupação das sociedades contemporâneas, em particular da educação. No mundo digital, a presença online e a identidade digital são igualmente desafios para a identidade social, que se reflete nas práticas e nas dinâmicas de interação.

2. A formação da identidade social

As identidades sociais não são criadas apenas com base nas influências parentais ou histórias pessoais, mas por uma rede complexa de laços e significados que se desenvolve ao longo da vida. Esses vínculos às vezes são mais fracos do que outros, importando menos que algumas marcas de pertencimento, ainda mais em culturas que valorizam a individualidade. Por isso, o modo como cada pessoa é vista pelos outros e o que seus amigos e conhecidos falam sobre elas têm um grande peso na formação da identidade social. Qualquer juízo ou crítica ao grupo do qual ela faz parte gera no indivíduo um desejo de reafirmá-lo e defendê-lo.

Nos dias de hoje, a identidade social enfrenta novos desafios que podem enfraquecê-la. Por um lado, a maior presença de culturas diferentes na mesma sociedade torna mais fácil a inclusão em diferentes grupos e o desenvolvimento de uma identidade multicultural. Por outro, cada pessoa tem cada vez mais diversas opções de vivência em

grupo. Isso às vezes resulta na fragmentação das narrativas coletivas, o que, por sua vez, reduz o poder que a identidade social exerce na construção da autoconfiança.

2.1. Hereditariedade, cultura e pertencimento

A hereditariedade desempenha um papel nas características físicas e nas tendências emocionais e mentais. Contudo, as influências da cultura são ainda mais determinantes nas experiências vividas e na vinculação a grupos, fornecendo as informações que cada um utiliza para a construção da identidade. O pertencimento a um grupo social, como a etnia, a nacionalidade ou o país, fornece um conjunto ainda mais amplo de dados. Desde os primeiros anos de vida, a cultura de um grupo (ou a soma de grupos) expressa uma série de mensagens — impressas e implícitas — sobre os valores, visões de mundo e modos de agir que são considerados adequados. E essas mensagens exercem um dos maiores efeitos sobre a formação de uma identidade consistente.

O acesso a essas informações é mediado pela interação com familiares, educadores, amigos e uma série de outras referências sociais. Essa troca entre os indivíduos pode ser abordada mediante o conceito de narrativas coletivas, que enformam as representações que uma pessoa possui sobre um grupo ou uma cultura e, conseqüentemente, sobre a sua própria identidade e autoestima. Ou seja, o que cada um conta a si mesmo sobre a sua própria vida e a sua vida em grupo fundamenta a identidade que possui e a autoconfiança que expressa.

2.2. O papel dos grupos sociais e das narrativas coletivas

A identidade social do indivíduo é influenciada pelos grupos em que participa ou que pertencem, como família, escola, trabalho, clube, time, entre outros. Esses grupos têm a capacidade de gerar um sentimento de pertencimento, que, por sua vez, fornece uma identidade a cada um de seus integrantes. Tal pertencimento é reforçado por meio da história da própria unidade e das narrativas que a constituem. A identidade da família é, portanto, diferente da identidade social de uma nação; uma é local e particular, a outra é ampla e universal. Entretanto, tanto a identidade familiar quanto a de uma nação são ressignificadas com o tempo por novos grupos sociais que vão surgindo, como a geração própria dos filhos. O envolvimento e a participação nas narrativas e nas histórias desses grupos geram um sentimento de pertencimento muito forte.

Tais sentimentos de pertencimento a grupos mais amplos gerados pelos grupos sociais geralmente são representados em forma de narrativas coletivas que, conforme mencionado anteriormente, atuam de forma poderosa na identidade social dos indivíduos. Quando esses grupos mais amplos se tornam representativos, a identidade social que eles proporcionam passa a ter um papel central na vida do indivíduo e até a tornar-se um aspecto fundamental de sua autoestima. Essa formação da identidade social é rica e complexa, pois se dá em um espaço de grande diversidade cultural, étnica e religiosa. Embora haja marcas

visíveis de diferença, afirma Serrano: “Diante da complexidade e da multiplicidade da cultura, a relação entre o eu e o outro, entre o pertencimento a um grupo e a necessidade de interação e convivência com o diferente, é o grande desafio para os indivíduos e para os grupos sociais”.

3. Identidade social e autoconfiança

Uma das chaves para a formação da autoestima e autoconfiança é a percepção que as outras pessoas têm de cada um. É isso que faz com que, enquanto se está em grupo, prefira-se usar as mesmas roupas e os mesmos acessórios que as demais pessoas ou que se tenha vontade de adquirir objetos que estão na moda, como celulares, calçados e consoles de videogame. Se, em um dado momento, as pessoas próximas elogiam ou criticam um aspecto físico, comportamental ou de saúde, isso pode gerar confiança ou desconforto. Daí a necessidade de, em escolas, universidades e organizações, formar ambientes de aceitação e de respeito que permitam que as pessoas sejam como realmente são. Essa aceitação mútua e coletiva é um dos maiores antídotos contra a insegurança e a falta de confiança que a formação da identidade social pode fornecer.

No entanto, a identidade social também pode ser um obstáculo para a construção de uma autoimagem positiva. Durante a adolescência, as inseguranças em relação ao corpo podem ser potencializadas pela ajuda do grupo, que pode oferecer apoio ou zombarias. Pessoas que não fazem parte do “padrão” dos grupos mais populares podem, de maneira mais intensa, ter suas identidades sociais questionadas de forma negativa e em função de pelo menos três fatores: a negação do pertencimento a algum grupo ou a um grupo minoritário bem aceito na instituição; a estigmatização por parte do grupo dominante; e a materialização da identidade social. Por isso, é importante que se fortaleça a identidade social no grupo em que se está inserido. Além de permitir que as pessoas verdadeiramente sejam como são, o fortalecimento da própria identidade, associado ao respeito às diferenças, possibilita a aceitação da diversidade e a ajuda mútua de forma a reduzir as dificuldades enfrentadas por grupos minoritários.

3.1. Como a percepção dos outros molda a autoestima

Por mais que se busque afirmar uma identidade própria, é por meio do olhar do outro que se reconhece o valor de si mesmo. Essa é a mensagem que emana da obra de um dos mais influentes autores da psicologia social: o sociólogo George Herbert Mead. Ele defende que a formação do eu e da própria identidade é um fenômeno social: o eu se revela por meio do reconhecimento da coletividade. Os indivíduos desenvolvem a autopercepção a partir da forma como compreendem que as outras pessoas os veem. Nesse processo, o olhar dos outros tem uma função de monitoramento, a qual dá origem à capacidade de se

comportar socialmente. A maneira como os outros veem e interpretam o que os indivíduos fazem reflete na autoestima e na autopercepção de si mesmos.

O estudo da identidade sugere que o eu é um projeto, que se afirma no ato de se reconhecer em um grupo. No entanto, o pertencimento a um grupo é mais eficaz quando o grupo é respeitado pela própria sociedade. O reconhecimento é a premissa que sustenta a autoconfiança e a autoestima. Quando o grupo é alvo de discriminação ou marginalização, a autoestima pode ser prejudicada e, conseqüentemente, a identidade individual. A autoestima tende a ser reforçada quando os indivíduos pertencem a grupos que são percebidos de maneira positiva pela sociedade em geral. A segurança em relação a si mesmo, o domínio e o controle da própria vida são raramente encontrados em grupos que são apresentados como inferiores e estigmatizados.

3.2. Estratégias para fortalecer a própria identidade

A identidade social pode ser comparada a um papel de presente: o embrulho é especial, mas a satisfação de receber um presente é determinada pelo que está dentro. A autoestima é essencial ao ser humano, e a autoconfiança nos coloca em uma posição melhor para lidar com os desafios da vida. Por isso, é importante perceber a construção da própria identidade social e criar estratégias para preservá-la e fortalecê-la. Uma delas é ter amigos e, quando possível, ser amigo de todos. Essa percepção começa em casa, à mesa. Os pais e as mães servem como espelho, mostrando as interações sociais e os diferentes papéis que ocupam. E a primeira pergunta que uma criança faz — “O que você é?” — não se refere à profissão, mas ao grupo social em que o adulto se insere: “Você é pai de quem?”, “Você é amigo de quem?”.

Um adulto que não aceita seu grupo de origem — sua etnia, sua religião ou qualquer outra coisa — provavelmente não se sentirá bem em outros grupos. A própria identidade social tende a ser prejudicada quando as pessoas procuram encobrir a origem e não usam um dos ingredientes principais da autoestima: o que se é, o que a vida e a sociedade trazem como bagagem. Por outro lado, ter apenas amigos de um único grupo e acreditar que os outros não prestam ou que não têm nada a acrescentar é um erro. A identidade social deve ser como um guarda-roupa: deve conter várias peças. É normal ter mais afinidade com algumas, mas é prazeroso poder escolher outras roupas em momentos diferentes.

4. Desafios contemporâneos da identidade social

Nas últimas décadas, diversos fatores têm tornado o conceito de identidade social mais complexo. O multiculturalismo crescente, que levou à reavaliação das relações entre grupos sociais anteriormente considerados minoritários, é um deles. O desejo de inclusão e aceitação se torna forte quando uma pessoa é alvo de preconceito. Contudo, a posição de

vítima pode ser manipulada e explorada pela mídia ou pela indústria do entretenimento, que, ao rotular um grupo étnico, cultural ou sexual, se apropria da identidade alheia em forma de mercadoria. As narrativas produzidas pelos grupos possuem um poder de resistência em relação a esses estereótipos. Quando a história e a experiência de vida são recontadas pelo próprio grupo, as pessoas têm seu sofrimento reconhecido e se sentem mais próximas do seu próprio círculo, tornando-se menos vulneráveis ao ataque do outro.

Um segundo fator é a presença digital, especialmente nas redes sociais. Os jovens multiplicam relatos e imagens da própria vida, mas a superficialidade dos contatos pode tornar a experiência vazia e deprimente. A autoimagem é moldada pelos likes e shares, que legitimam a opinião das multidões e a tornam mais importante do que a própria compreensão de si. A presença cibernética mediatizada, quando se confunde com a personalidade original, compromete a autenticidade da presença social e expõe os indivíduos à arma da vaidade, um dos chamados sete pecados capitais.

4.1. Multiculturalismo, inclusão e resistência ao rótulo

Um dos desafios contemporâneos da identidade social é o multiculturalismo, que se traduz em sociedades com grande diversidade étnica, religiosa e cultural. A inclusão de novos grupos sociais na vida econômica, política e cultural de uma sociedade multicultural é um objetivo desejável, mas frequentemente enfrenta resistências. É comum que as narrativas que emergem de grupos até então excluídos sejam, por sua vez, desconstruídas e reestruturadas através do olhar do grupo dominante da sociedade. As narrativas do grupo dominante tendem a ser as mais aceitas e com maior poder, e as narrativas dos grupos subalternos, mesmo quando reconhecidas, costumam sofrer um processo de hibridização que as transforma em versões diluídas, adaptadas ou assépticas.

Assim, é comum que minorias religiosas evitem exibir os símbolos que as identificam para não sofrer discriminações. É também comum que minorias sociais ou étnicas aceitem o rótulo que as rotula como diferentes, como “indígenas”, “negras”, “pobres”, “mendigos” ou, mesmo, “geeks”, e que esse rótulo seja considerado uma marca de exclusão e desqualificação. Resistir a esses rótulos não quer dizer ignorá-los, mas, ao contrário, implica em reconhecê-los na medida em que são usados como formas de inclusão ou exclusão, de perto ou de longe, de influência ou de poder, de constrangimento ou de empoderamento.

4.2. Identidade digital e presença online

Adicionalmente, as comunidades virtuais têm um papel importante na formação da identidade, e as redes sociais possibilitam a construção de grupos com base em interesses e comportamentos comuns, em vez de localização, características e afiliações. No entanto, ao mesmo tempo em que facilitam a inclusão de indivíduos em novas comunidades, as

redes sociais também potencializam e ampliam os preconceitos, a segregação e a polarização.

Estudos recentes revelam que a presença em redes sociais digitais é capaz de influenciar a percepção pessoal da identidade, ao permitir que a pessoa reveja a sua forma de se apresentar e a dos outros. Isso também contribui para que suas características se tornem mais visíveis, incrementando a percepção sobre si e sobre a proximidade em relação ao grupo. Contudo, a identidade é passível de distorções face a pressões e expectativas externas, e a possibilidade de mudança para a aceitação pode ser uma das razões para o que se considera a “crise da adolescência”.

5. Identidade social e agência pessoal

Responsabilidade social e empoderamento comunitário

Identidade social e agência pessoal

A identidade social é um elemento da personalidade que se constrói a partir de processos de autointegração e de autossistematização, por meio dos quais a pessoa se reconhece como membro de um ou mais grupos sociais (familiares, étnico-culturais, religiosos, de gênero, de classe, de profissão, de time de futebol, etc.) e internaliza os significados, valores e regras de cada um deles. Quando a identidade social está bem elaborada, ou seja, é sólida e estável, a pessoa se sente integrada e pertencente a esses grupos e pode agir em nome de seu ideal ou de seus interesses.

Uma das características associadas a um sentimento de identidade social bem elaborado é a disposição para agir com responsabilidade social em relação à comunidade. Essa dimensão da identidade social está associada à percepção de que a identificação com as várias comunidades do cotidiano – bairro, cidade, país, nação, etc. – não é um instrumento de defesa de interesses egoístas, mas um chamado à prática de ações de solidariedade, cooperação e respeito à diversidade de culturas, opiniões e modos de vida. Essa disposição também pode ser compreendida como um desejo de lutar para transformar a própria realidade e a de outros, na perspectiva do empoderamento da comunidade a qual se pertence. No caso do Brasil, essa prática parece ter sido muito legitimada pela história de luta dos movimentos sociais e das populações em situação de exclusão, como a população negra, indígena, os homossexuais e os sem-terra. Esses movimentos sempre expressaram, em seus discursos, um desejo de empoderar não só as pessoas que os lideram, mas suas comunidades e a sociedade como um todo.

5.1. Responsabilidade social e empoderamento comunitário

Identidade Social: Construção, Influência e Autopercepção

A formação da identidade social

A consciência de pertencimento a diferentes grupos sociais e a adesão a narrativas coletivas são fatores que, de maneira direta ou indireta, influenciam a percepção de si. O sentimento de segurança e de autoconfiança que surge da identidade social é um forte indicativo da resiliência diante da adversidade e da habilidade em suportar pressões sociais. Contudo, para se sentir seguro, um adolescente precisa de um grupo que, na sua perspectiva, funcione como refúgio, que o aceite como ele é, que compreenda e valorize a sua diferença, que o acolha e o proteja. Por isso, a implantação de uma cultura de paz na escola e em outros meios é de extrema importância. Ao mesmo tempo, essa mesma identidade pode sofrer distorções quando o grupo social de pertence assume um papel de poder opressor ou de ameaça à vida e à dignidade de outros grupos.

A formação de uma identidade social robusta requer responsabilidade social. Ao deixarem de lado o egoísmo e a visão míope, os jovens também passam a considerar o bem-estar do próximo e a importância da vida em sociedade, e, por conseguinte, tornam-se mais autoconfiantes. Quando os adolescentes se sentem parte de um grupo que busca o crescimento e o bem-estar da sociedade, eles também se sentem apoiados nas suas angústias e vulnerabilidades. A história e o conhecimento de si são, portanto, fundamentais para que os jovens reconheçam as suas origens e queiram, por meio da aceitação do outro e da troca com o outro, ampliar as suas oportunidades de vida e de felicidade.

As narrativas e a memória coletiva são essenciais para fortalecer a identidade social e a autoconfiança. Esses fatores permitem aos jovens conduzir suas vidas em condições de maior equidade e justiça, e, assim, se tornarem verdadeiros agentes de transformação da sociedade. A história pessoal é igualmente importante para a construção da identidade do sujeito. Ao buscar sua própria história, o jovem é levado a uma reflexão sobre quem ele é, de onde veio e para onde deseja ir, e, dessa maneira, encontra as respostas que o ajudarão a construir um futuro com mais segurança.

5.2. Práticas de afirmação de si e liderança ética

O desejo de se afirmar como um ser humano singular, que é visto e aceito pelos outros como um indivíduo, leva, por um lado, ao empenho em se livrar de rótulos sociais e ao mesmo tempo conciliar a liberdade do eu e a necessidade de controle do nós. Por outro lado, é exatamente a aceitação e o prestígio social que tornam a pessoa capaz de se afirmar como identicamente diferente, diferente, mas não distinto da maioria, e de despertar a identificação dos que se sentem reconhecidos e motivados a agir de maneira semelhante.

Com o aumento das classes sociais com maior poder aquisitivo e de várias outras características que favorecem o pluralismo, também são mais numerosos e visíveis os discursos que se exprimem com força e clareza. Sua força reside no fato de se dirigirem a

um público que se reconhece em situações semelhantes e pode se compadecer das suas angústias e esperanças. Essas vozes de apelo e incitamento inspiram as pessoas a fazerem, suportarem e defenderem o que antes não eram capazes, à medida que exercem liderança e autoridade. Mas, ao mesmo tempo, o pluralismo também acirra a luta pelo prestígio fundando assimetrias e desigualdades de aceitação e, portanto, de poder.

6. Conclusão

A identidade social, propriedade de um grupo, é frequentemente atribuída a indivíduos através da categorização social. As categorizações são construídas e influenciadas por narrativas coletivas, que podem ser segmentadas em histórias de grupos centrais e periféricos. A identidade social, embora influenciada pela percepção do outro, não é apenas um reflexo, mas uma construção feita, em alguma medida, por cada indivíduo. As narrativas têm impacto na autoconfiança, tornando a identidade uma fonte de força ou de fraqueza. Para fortalecer o impacto positivo da identidade social, é importante encontrar formas de narrar a experiência social, compartilhar a própria história com os outros e, assim, contribuir com a construção da narrativa coletiva.

Os desafios contemporâneos da identidade social se relacionam com o multiculturalismo e com a inclusão, que visam evitar o uso da categorização social como um rótulo pejorativo. As diferentes culturas devem conviver em harmonia e tornar-se parte da cultura hegemônica, sem que a sua assimilação implique em perda da diferença. Na sociedade digital, deve-se evitar tratar o espaço virtual como um campo de ação cibernética, mas sim como um contexto que transforma a presença social. A necessidade de se apresentar nas redes sociais provoca um desgaste semântico que pode se reverter em risco de não ser percebido. A presença social deve ser alimentada com práticas de afirmação de si e de liderança ética, que respeitem a identidade do outro e busquem o fortalecimento social.

"A identidade não é um fato consumado, mas uma produção, que nunca está completa, está sempre em processo e sempre constituída dentro, e não fora, da representação".

Stuart Hall

Sinop-MT, 22 de fevereiro de 2026.

Bibliografia:

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988

BOUDON, R. BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 2000

CHARON, Joel M. *Sociologia*. São Paulo: Saraiva, 2002

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática.

CORDI, Cassiano. *Para Filosofar*. São Paulo. Scipione, 1995

COSTA, Cristina. *Sociologia – Introdução à Ciência da Sociedade*. São Paulo: Moderna.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar. *Filosofia no Ensino Médio*. Petrópolis, RJ: Vozes.

GOMES, Cândido. *A Educação em perspectiva sociológica*. São Paulo: EPU, 1985

GUARESCHI, Pedrinho. *Sociologia Crítica*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002

JACQUARD, Albert. *Filosofia para não-filósofos*. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1999

LAKATOS, Eva Maria. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Atlas, 1997

LUCKESI, Cipriano Carlos; PASSOS, Elizete. *Introdução à Filosofia: aprendendo a pensar*. São Paulo: Cortez.

MARTINS, Carlos Benedito. *O que é Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988

MEKSENAS, Paulo. *Aprendendo Sociologia*. São Paulo: Loyola.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia. Coleção Magistério 2º Grau*. São Paulo: Cortez.

MONENTE, Manoel Garcia. *Fundamentos de Filosofia – Lições preliminares*. Ed. Mestre Jou.

OLIVEIRA, Armando Moura (et. all). Primeira Filosofia. Tópicos de Filosofia Geral. São Paulo: Brasiliense.

SANDRONI, Paulo. Novo Dicionário de Economia. São Paulo: Best Seller, 1994

SELL, Carlos Eduardo. Sociologia Clássica . Itajai: EdUnivali, 2002

SERRANO, Pablo Jimenez. Sociologia Jurídica. Curitiba. Ed. CRV, 2020

SEVERINO, Antônio Joaquim. Filosofia. Coleção Magistério 2º Grau. São Paulo: Cortez.

TOMAZZI, Nelson Dácio. (coord.). Iniciação à Sociologia. São Paulo: Atual.



Todos os direitos deste artigo reservado ao autor.
Proibida a reprodução total ou parcial, sem autorização.
Lei nº 9610/98.